

VISÃO DO CORREIO

Queda no desemprego: os dois lados da balança

O último dado oficial é, inegavelmente, um alento: a taxa de desemprego no Brasil tem alcançado os menores patamares históricos, um feito notável que merece ser reconhecido. De acordo com os dados divulgados, sexta-feira última, pelo IBGE, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) constatou que a taxa de desocupação ficou em 5,6% no trimestre encerrado em setembro de 2025, o menor nível desde o início da série em 2012, com a população desocupada em cerca de 6 milhões de pessoas. Esse resultado representa uma queda de 3,3% (menos 209 mil) em relação ao trimestre anterior e de 11,8% (menos 809 mil) na comparação com o mesmo período de 2024.

É algo que devemos exaltar, mas não pode ser lido como prova de que o problema estrutural do trabalho no país foi vencido. A precarização e subutilização da força de trabalho permanece, embora também registrando níveis um pouco mais baixos.

A chamada taxa de subutilização — que reúne pessoas que gostariam de trabalhar mais, que estão subempregadas ou desencantadas — no terceiro trimestre de 2025 ficou em torno de 13,9%, representando 15,8 milhões de pessoas. Isso significa que continuam fora do emprego pleno.

Há, ainda, o recorte da informalidade que afeta mais de um terço da força de trabalho: cerca de 37,8% das pessoas ocupadas estavam em trabalhos informais no período mais recente — isto é, sem carteira, sem proteção previdenciária e com renda e direitos fragilizados. O total de trabalhadores nessa condição (excluindo domésticos) chegou a 39,2 milhões, com estabilidade no trimestre e alta de 2,7% (mais 1 milhão) em 12 meses.



PALOMA OLIVETO

paloma.oliveto@cbn.net.br

Não sejamos hipócritas

Cansada de violência, farta de ler notícias sobre pessoas assassinadas por causa de um celular, horrorizada com a história da moça desfigurada e morta porque não quis ficar com um traficante no baile funk, revoltada com a informação de que os “donos do morro” atiram em cachorros porque o latido deles atrapalham seus “negócios”, confesso que, ao ver pela primeira vez a foto dos corpos enfileirados na Praça São Lucas, na Penha (RJ), não senti pena.

Se “pena”, aliás, for entendida como condescendência, clemência e compaixão, como definido por alguns dicionários da língua portuguesa, reafirmo: não tenho pena. Assim como você, achei um deboche a postagem de Oruam, o filho do traficante Marcinho VP: “Por trás do fuzil, tem um ser humano”.

E por acaso o ser humano que segura o fuzil enxerga algum traço de humanidade naquelas que julga, condena e executa no “tribunal do morro”? Nas mulheres torturadas em bairros de gelo, nos homens queimados vivos nos “micro-ondas”, nas mães, que recebem pacotes com pedaços de seus filhos?

Dito isso, também ressalto: se não tenho pena dos traficantes, muito menos aplaudo a operação orquestrada pelo governador Cláudio Castro (PL), que exala a questões eleitoreiras. É fato que os policiais foram recebidos por criminosos fortemente armados, mas também não se pode ignorar que houve mais mortes do que prisões. Onde que isso é sucesso? Lembrando que, ainda que o Código Penal previsse pena de morte, seria antecedida por um julgamento.

Agora, convido o leitor a um exercício que fiz comigo mesma. Responda honestamente.

Em que tipo de bairro fomos criados? Vimos, alguma vez na vida, gente baleada no meio da rua, seja por polícia ou bandido? Tivemos de nos refugiar de tiroio debaixo da

Uma mistura de fatores macro e micro, como desaceleração do crescimento econômico em alguns meses, taxa de juros ainda elevada para controlar a inflação e níveis educacionais desiguais, além de políticas públicas de proteção e qualificação aquém do necessário, ajuda a explicar esse quadro. Em outras palavras, o país alcança taxas baixas de desemprego num contexto que ainda não garante direitos trabalhistas e proteção social. E o custo de vida acaba ofuscando outro dado positivo: a renda média real habitual do trabalhador registrou aumento, atingindo R\$ 3.507 no trimestre até setembro de 2025, um recorde também.

A conjuntura da redução do desemprego, em grande parte, se deve a questões cíclicas e de recomposição pós-pandemia, somadas a políticas de incentivo ao consumo. No entanto, o Brasil ainda padece de problemas como falta de investimento maciço em educação, tecnologia e infraestrutura, o que faz com que a produtividade do trabalho permaneça aquém de seu potencial, limitando a criação de empregos de alto valor agregado.

Há um descompasso crônico entre a formação profissional e as demandas de um mercado de trabalho cada vez mais digital e qualificado, o que se reflete na dificuldade de preenchimento de vagas especializadas ao mesmo tempo que persiste a subutilização.

A queda da taxa de desemprego é uma notícia boa — e deve ser comemorada especialmente por quem estava sem ocupação. O desafio real é transformar o emprego em trabalho de qualidade: reduzir a subutilização, formalizar ocupações, elevar rendimentos reais e combater as desigualdades regionais e por gênero. Enquanto isso não ocorrer, a nossa melhora será, em grande medida, uma estatística sobre uma realidade que ainda padece de fragilidades.

carteira da escola? Convivemos com nossas mães ou ficamos o dia inteiro afastados delas, enquanto cuidavam do filho dos outros? Fizemos aulas de balé, futebol, judô, inglês ou natação no contraturno escolar? Ganhamos o aparelho de telefone que as propagandas garantem indispensáveis à aceitação social? Ou o par de tênis?

Passemos à segunda fase do teste. Nossos filhos estão bem nutridos? Moram em locais minimamente habitáveis, servidos, pelo menos, por água potável, energia elétrica e saneamento básico? Quando doentes, recebem atendimento médico de qualidade? Têm acesso, no local de moradia, a parquinhos, quadras de esporte e espaços lúdicos? Quantas vezes viajaram na vida? Seus filhos se reconhecem nas manifestações artísticas e culturais do país, ou só se veem retratados como bandidos?

Evidentemente, nascer e crescer em meio à violência e a privações não é condição sine qua non para se tornar criminoso. Mais de 110 mil pessoas habitam os complexos da Penha e do Alemão, e os traficantes são um pequeno percentual disso. Nós conhecemos quem mora lá. São nossas diaristas, as babás das nossas crianças, as que cozinham para a gente; são os funcionários que coletam o nosso lixo, limpam as escolas dos nossos filhos, costuram nossas roupas, nos atendem no comércio, carregam nossas compras, dão banho nos nossos cachorros. E os filhos dessas pessoas deveriam ter as mesmas oportunidades que os nossos.

Volto a dizer: tenho tanto horror a bandido quanto você. Mas seria hipócrita se não reconhecesse que a desigualdade social é o ingrediente-base da receita do tráfico. Para que nenhuma mãe mais tenha de chorar sobre o corpo do filho morto — seja ela mãe de bandido, de vítima de bandido ou de policial —, é preciso fazer muito mais do que abrir fogo na favela.



Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. » E-mail: sreditat.df@dabr.com.br

Crime organizado

A megaoperação e a repressão ocorridas na última terça-feira, no Rio de Janeiro, teve duas falhas. Falharam na logística e na estratégia. Não existia um sistema de informação para o intuito de passar a frente do crime organizado. O famigerado Primeiro Comando Vermelho (PCV) está infiltrado em todos os cantos do Rio de Janeiro, isto se alastra por todos os níveis: federal, estadual e municipal. Somente agora, atitudes políticas e ideológicas levaram o governo e o Congresso Nacional a acionarem uma legislação para contornar a situação. A banditagem, não resta dúvida, está tecnologicamente mais inteligente do que todo o aparato militar. O presidente Trump, mesmo sendo demasiadamente belicoso e insano, está certo em combater o tráfico e o crime organizado no sul da América. É claro, respeitando a governança dos países. O Brasil, embora padeça com a criminalidade, é um país soberano. Que Deus o mantenha numa posição de independência e autodeterminação.,

» Enedino Corrêa da Silva
Asa Sul

Crise no caixa

O Brasil tem hoje um buraco de 35 bilhões no orçamento de 2026 e uma dívida pública que ultrapassa R\$ 9,4 trilhões, o equivalente a 76,6% do PIB, segundo o Banco Central, a conclusão é inescapável, pois estamos caminhando para o precipício. O número não é apenas uma estatística em uma planilha, é a confissão de um governo acuado e a prova de que a aritmética sempre vence. Assim como uma empresa, um país não deveria sobreviver pensando apenas “no próximo trimestre”. Mas o Brasil vive exclusivamente para a próxima eleição. Cada decreto é pensado para o ciclo eleitoral seguinte. Cada medida provisória é um remendo tático. A política de Estado foi substituída pela política de governo, imediatista, reversível e destrutiva. Após a derrota da MP 1303, o líder do governo arrumou um “arsenal de possibilidades” para recuperar a arrecadação, reeditando medidas rejeitadas e decretos declarados inconstitucionais. Isso não é firmeza, mas desespero. Essa situação denota, quando a política tributária vira campanha antecipada, que o país perde a capacidade de governar. Em suma, são medidas autodestrutivas movidas por cálculo político, reflexo de um governo que pensa no calendário eleitoral, não no país.

» Renato Mendes Prestes
Águas Claras

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Se o mundo está dividido, eu quero estar do lado do bem.

Maria Vieira — Taguatinga

A moto pode ser um estilo de vida, um meio de transporte ou uma ferramenta de trabalho. Motociclista, se cuide! Não vire estatística.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

O sofrimento não tem fronteiras. O que acontece no Sudão é responsabilidade de todos que acreditam na dignidade humana. A dor sudanesa nos alcança quando escolhemos o silêncio como resposta.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Se outubro é rosa para lembrar da detecção precoce do câncer de mama, novembro é azul para alertar sobre os cuidados para detectar o câncer de próstata.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

A chacina no Morro do Alemão, que deixou 121 mortos, foi a maneira de o governador Cláudio Castro anunciar sua pré-candidatura ao Senado Federal no próximo ano. Será que ele merece ser vitorioso?

Heloísio Lima — Asa Sul

extremamente perigoso. Muitos se lançam entre um carro e outro, transitando entre uma faixa e outra, o que faz com que muitos acidentes sejam inevitáveis. Não tenho dúvidas de que a maioria dos condutores de carro não têm intenção de colidir com uma moto, pois seria muita burrice, prejuízo financeiro desnecessário e, sem contar, o processo investigativo e tantos outros dissabores. Falta, a meu ver, educação e disciplina no trânsito. Os motociclistas precisam ser advertidos para que respeitem as regras e os limites do trânsito. São raríssimos os dias em que não se vê um motociclista estirado na pista e um carro parado ao lado. Educação e precaução são os remédios para estancar essa epidemia.

» Neuza Maria dos Santos
Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara” Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA		
Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00
Assine		
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp		
Assinaturas*		
SEG a DOM		
R\$ 1.187,88		
360 EDIÇÕES		
(promocional)		
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.		
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.		
Anuncie		
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp		
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp		
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp		

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61)99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotograficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br